



Da práxis semiótica¹

Eliana Pibernat Antonini – FAMECOS – PUC-RS²

Resumo

O artigo “Da práxis semiótica” revela uma obsessão, qual seja, a de pensar o real papel dos estudos semióticos associados à prática dos estudos comunicacionais. Recupera, criticamente, o jogo interpretativo e a busca pela compreensão do sentido do texto, inserindo tais discussões num patamar de veras peculiar, onde as reflexões se ampliam para instâncias hermenêuticas mais complexas. Centra-se nos processos de abdução, reconhecendo neles a possibilidade de integração dos estudos do sujeito empírico e da própria natureza, a partir de um olhar aguçado, que explora teorizações de autores como Umberto Eco, Paolo Fabbri, Iuri Lotman, Paul Ricouer, num viés metodológico-crítico tal qual uma faca só lâmina.

Palavras-chave: comunicação; sentido; interpretação; abdução; cultura.

¹ Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Prof. Dra. de Teoria Literária – USP. Pesquisadora Cnpq de processos de produção de sentido e comunicação. Professora Programa Pós Graduação FAMECOS PUCRS



“Le language ne se refuse qu’à
une chose, c’est à faire aussi
peu de bruit que le silence.”

(Francis Ponge, 1948)

“Quando aquele que os sofre
trabalha com palavras,
são úteis o relógio,
a bala e, mais, a faca.
(...) e somente essa faca
e o exemplo de seu dente
lhe ensinará a obter
de um material doente
o que em todas as facas
é a melhor qualidade:
a agudeza feroz,
certa eletricidade,
mais a violência limpa
que elas têm, tão exatas,
o gosto do deserto,
o estilo das facas.”
(João Cabral de Melo Neto, 1955)

João Cabral, cuja agudeza e limpidez poética são geradoras de um sentido múltiplo e transgressor tal qual o da faca só lâmina, neste poema dedicado a Vinícius de Moraes, coloca uma epígrafe, um “Ou... Serventia das Idéias Fixas”. Parto, neste artigo, de uma idéia fixa: qual seja o lugar da Semiótica nos estudos do agora, no hoje tão individual, tão passageiro e qual sua contribuição, reveladora de sua importância intrínseca, aos estudos de Comunicação.

Pesquisadora que sou, há longos anos, dos processos analíticos que dão conta do sentido que os textos – entendidos, aqui, como categorias epistêmicas e culturais – projetam



nos campos midiáticos e por eles são projetados na sociedade, questiono o emprego abusivo, irregular, até pedante e, na sua maior parte, confuso da teoria semiótica e de sua prática para dar conta de tais representações e de peculiares construções de imaginário.

Penso, a priori, num processo de esvaziamento que se verificou após os idos dos sessenta e setenta do século XX, onde a Semiótica francesa, especialmente saussureana, teve sua grande ascensão. Penso na releitura dos manuscritos de C.S. Peirce e na atualidade que seus estudos lógicos e suas práticas interpretativas adquiriram. Penso, portanto, nas duas grandes linhas mestras da Semiótica contemporânea e de seus seguidores, como A. Julien Greimas e Umberto Eco, este último do qual tenho sido leitora insistente, tímida, de toda a sua obra, hoje bastante conhecida entre nós. Nesta linha, valho-me da interessante proposta de Paolo Fabri, quando entende a investigação semiótica como sendo a reflexão sensata sobre toda e qualquer produção de sentido. E, quando aponta para a singularidade que esta lacuna nos estudos semióticos parece apresentar, a partir de três grandes instâncias. A primeira, de uma orientação epistemológica equivocada, ou seja, a Semiótica, ao pretender-se como ciência e como reflexão filosófica e puramente hermenêutica, deixou de lado o que Paul Ricoeur mais lhe reconhecia como produtivo, seu modo de “explicar mais para entender melhor”. A segunda, quando os estudos semióticos passam a ser meros modelos conceituais capazes de projetar e engendrar análises múltiplas e muitas delas vazias de produtos culturais díspares, que vão desde o texto mais erudito até o comercial de TV, desde o filme de Pasolini, a moda de Chanel, o teatro de Brecht, até as fotos de guerra na leitura de Susan Sontag. Particularmente, tenho tentado adaptar o modelo de leitura de Eco, suas categorias, suas várias instâncias e desdobramentos, para poder aplicá-lo a tais produtos, resguardando sempre a peculiaridade do objeto e permitindo que ele, o objeto, seja o desencadeador da metodologia a ser usada. Verifica-se, assim, a importância do trabalho semiótico sobre estas “metáforas interdefinidas que são os modelos” (2000, 14) e trabalha-se com uma noção bastante cara a Latour que Eco desenvolve pouco, a de co-texto³.

³ A noção de co-texto, explicitada por Eco em *Lector in fabula* é uma categoria textual, enquanto contexto e circunstância pertencem a uma teoria dos códigos, da qual também são categorias, que, em forma de enciclopédia, leva em conta as possíveis condições de uso de dado signo em dado texto. Uma seleção contextual registra os casos em que dado termo ocorre concomitantemente com outros termos pertencentes ao mesmo sistema semiótico; quando isto se efetiva, se atualiza, temos uma co-ocorrência deste dado termo e,



Numa terceira instância, vale redescobrir as intersecções que a Semiótica nos propicia fazer entre a história, a filosofia e a antropologia, que vão desde um jogo comparativo entre a teorização e a práxis, entre a descrição da realidade e sua construção imaginária até uma lógica experimental que faculte uma pesquisa de cunho empírico, documental, onde as mais diversas amostragens culturais possam ser apreendidas. Digo isto porque percebo (e fundamento minhas idéias no próprio Fabbri) que atualmente há uma necessidade premente de se pensar a intersecção, os não limites, o imbricamento, o contínuo avanço das margens entre os estudos da cultura e os estudos da significação.

Relembro, pois, as manifestações de 1968, reinterpretadas hoje; os anos 70 com seu estruturalismo marcante; a geração de mentores filosóficos do porte de Lévi-Strauss, Michel Foucault, Roland Barthes, Jacques Lacan, A. J. Greimas, J. Derrida, J. Deleuze, F. Guattari e tantos outros com suas teorias modernas sobre a linguagem, que encontram caminhos mais densos em análises de práticas significantes como o mito, as relações de parentesco, a loucura, o cinema,... análises estas que passam a ser respeitadas e reveladas a partir de uma “lógica da simbolicidade”, como o diria uma semioticista participante deste mesmo grupo, Julia Kristeva.

De outro ângulo, os estudos da corrente soviética que, advinda do estruturalismo tcheco, do Círculo Lingüístico de Praga, do formalismo russo, que deságua nas contribuições dialógicas de Jakobson e Bakhtin merecem, a meu ver, um aprimoramento teórico que volte às marcas fundadoras, conhecidas realmente por muito poucos pesquisadores e de lá, então, projetem-se em desdobramentos analíticos e, posteriormente, críticos.

Digo isto porque surpreende-me, cada vez mais, as misturas teóricas e metodológicas pelas quais a prática semiótica passa no Brasil acadêmico. Encontro-me frente a uma semiótica meramente de superfície, mesclada à uma pretensa análise de discurso, à análise de conteúdo feita à la Bardin e, mais sério ainda, a uma pretensa (des) construção filosófica derridariana. Destarte, entendendo a Semiótica como a entendo, como uma longa e inquietante história do signo, da significação, e da produção de sentido, parece-me difícil

logo, um co-texto. “As seleções contextuais prevêm possíveis contextos: quando estes se realizam, realizam-se num co-texto.” (1983, p.18-19)



enquadrá-la num papel tão pouco relevante quanto a de mero e pouco eficaz instrumento para recortes próprios do senso comum.

Surpreende-me também o reducionismo que é feito à idéia que Umberto Eco desenvolve quando associa comunicação e cultura, ou melhor, quando assegura que toda relação de sentido revela, em seu processo gerador, uma dada convenção cultural que se encontra expressa, mesmo que interdita, nos ritos comunicativos. A separação apontada por W. Nöth (1996) entre cultura e semiótica, natureza e não-semiótica não se sustenta quando compartilhamos da opinião de Edmund Leach ou quando expandimos a visão de cultura para a noção de semiosfera de Iuri Lotman.

W. Nöth, respeitado semioticista, que tem um dom tão especial de ser, sobretudo, didático, enfatiza que a área principal dos estudos semióticos de Umberto Eco restringe-se à prática literária, que desenvolve em *Lector in fabula, The role of the reader, Os limites da interpretação, Interpretação e superinterpretação* e, onde apresenta suas famosas estratégias de leitura, hoje, conhecidas como o tradicional modelo aplicável de leitor. Para o crítico Nöth, o leitor ideal é nem um leitor perfeito nem um leitor aberto à pluralidade de leituras possíveis (e admissíveis, diria eu), justificáveis pela própria estrutura textual (1996, p.190). Ao definir a Semiótica como um programa de pesquisa que estudaria os processos culturais como processos comunicacionais sob uma perspectiva semiótica, o crítico vê, em Eco, uma total rejeição ao realismo ontológico. Entro, nesta minha reflexão, nesta discussão porque entendo que, pela ótica da Semiótica contemporânea, pensar o real como estando do lado “de fora” do processo de significação é totalmente incoerente! Quando caem as barreiras entre imaginário, cultural, representado, natural; quando um hiper real tecnológico nos aguarda, ali, na dobra da próxima esquina teórica, vejo que Eco não limitou, não estreitou o patamar semiótico aos meros critérios do comunicativo, do cultural e do mentiroso. Ao afirmar que a semiótica é a teoria da mentira, uma vez, que tudo aquilo que significa, pode tanto ser verdade quanto pode também ser usado para mentir, porque assegura incontestemente a dicotomia verdade/mentira (onde digo não conheço, pressupõe-se que sei que conheço alguma coisa; não gostei, gosto de alguma outra coisa, etc, etc.) o autor abriu um imenso leque de possibilidades interpretativas de abranger o universo, o mundo como diz, como um grande texto, onde se podem ler todas e quaisquer nuances da cultura. Neste mundo se incluem, desde a biosfera, passando pelo corpo como mídia



primária no viés de Bistryna, até um outro corpo cibernético já totalmente dominado pela tecnologia. Na introdução ao seu *Limites da interpretação*, Umberto Eco declara enfaticamente que, a partir de um debate com imunologistas, estudiosos de processos de interação em nível celular, “existem fenômenos de interpretação também naquilo que eu no Tratado, chamava de limiar inferior da Semiótica. (...) Não excluo que exista semiose, e, portanto, interpretação nos processos perceptivos. Neste sentido, a interpretação – fundada na conjectura e na abdução – é o mecanismo semiótico que explica não apenas nossa relação com mensagens elaboradas intencionalmente por outros seres humanos, mas toda forma de interação do homem (e quiçá dos animais) com o mundo circunstante. É através de processos de interpretação que, cognitivamente, construímos mundos, atuais e possíveis.” (1995, p18.).

Ainda, em *Kant e o ornitorrinco*, quando trabalha com a reação e o possível tipo de comportamento que temos diante de um fenômeno desconhecido, buscando um recorte de conteúdo já presente em nossa enciclopédia, nosso arquivo mental de conhecimentos e memórias, que nos auxilie a des/reconstruí-lo como sentido, quando se dedica à questão da verdade (mentira, portanto) e à crítica ao conhecimento como espelho da natureza, na asserção pragmaticista de Richard Rorty, ou, quando discute a explicação como algo intuitivamente conceitual, retomando os pseudoconceitos como pertencentes ao mundo da “desordem”, onde nossas percepções são formadas, e, cujo território realmente habitamos, aquele em que procedemos por amostras, provas, erros e conjecturas, o autor Eco está entendendo o patamar do natural já como um primeiro patamar semiótico.

Mais uma vez, nos interessa o que nosso autor reitera: se estamos no plano das conjecturas e, logo, no das abduções, se estamos trabalhando para além daquela soleira semiótica inicial, se já incluimos o sujeito empírico (para uma discussão mais apurada ver meu artigo *A la recherche du sujet perdu* na Internet), avançamos para um novo entendimento do próprio paradigma semiótico já tão debatido até agora.

Merece, a meu ver, bastante atenção, a herança deixada por Lotman, muito pouco revisada, ou melhor dizendo, vejo pouca seriedade quando se trata de usar conceituações e desdobramentos críticos peculiares à obra exemplar construída por este autor. Para Lotman, além da função de comunicar, os textos produzidos pelos sujeitos de uma dada e específica



cultura, cumprem a função formadora de sentido, intervindo na qualidade de um sentido pré-dado, dogmático, sendo geradores de sentido em si e por si mesmos. A isto estão ligados os feitos reais, bem conhecidos pelos historiadores da cultura, onde a linguagem não precederá o texto, mas ao contrário, o texto precederá a linguagem. Estamos na esfera do fragmento em contraponto ao “giro”, ao genérico que Fabbri recupera em Nietzsche⁴, típico do contemporâneo, onde pela mínima parte chegamos ou pretendemos chegar ao todo. Sem nos opormos totalmente a tal prática, afirmamos que só precisamos ter, além de um cuidado obsessivo, um senso crítico aguçado para não perdermos a compreensão do fenômeno semiótico na sua totalidade. A própria estética do fragmento implica, se penso em Calabrese e Derrida, numa herança. Ora, toda herança traz consigo um passado irrecusável e sua recuperação revela uma escolha, uma estratégia bem revisada de leitura e leitores, de herdeiros que serão continuadores e portadores, transmissores deste sentido das origens, detentores que são de uma memória de culturas.

Apropriando-me ainda do pensamento de Fabbri e entendendo agora a Semiótica como uma indagação, com vocação científica, dos sistemas e dos processos de significação; usando a categoria aristotélica do conhecível, ligo a prática do entendimento do sentido com uma das instâncias do conhecimento que estaria à espera de sua articulação significativa. “Lo conocible es el conjunto de los saberes compartidos por una comunidad o por partes de una comunidad, y que de alguna manera están a la espera de organización expresiva y una forma de organización de los contenidos. Em otras palabras, lo conocible, para llegar a ser sensato, necessita unos modelos.” (1999, p.56).

Ou seja, entender a Semiótica como paradigma do processo de conhecimento significa, neste viés, dissecar os diferenciados envoltórios que a produção de sentido estabelece com a produção dos saberes. A linguagem, seguramente, carrega consigo não só o produto de uma revelação quando estabelece relações efetivas e/ou abstratas entre o nome e a coisa, como também recria, de modo original, o problema da significação. Gerar sentidos não deixa de ser, em última instância, gerar conhecimento. Melhor dito: o sentido é em si e por si puro conhecer. Tal processo cognitivo situar-se-ia numa das três grandes

⁴ No Método 6: Ética, cuja tradução de Juremir Machado da Silva já está no prelo, Edgar Morin explicita a noção de genérico: “termo de Marx. O homem genérico é definido como tal pela aptidão para gerar e regenerar as qualidades propriamente humanas.



classes propostas por Muniz Sodré em sua *Antropológica do espelho*, como “um constructum hipertextual a partir de posições interpretativas (...) um campo de relações hipertextuais ou de interfaces entre os seres do espírito --as entidades virtualizadas do bios midiático e os variados recortes do mundo real histórico.” (2002, p.239). Ou seja, pensar a Semiótica, igualmente como um processo de tradução, de espelhamento, será refletir na relação direta que me parece ocorrer, hoje, entre a chamada crise da representação e a introdução de um imaginário que não se reporta àquele aristotélico, que fixa a imaginação entre a sensação e a intelecção, nem àquele de Kant, o imaginário transcendental, muito menos, à Lacan. Penso num imaginário que dê conta de um sentido, que seja em si mesmo uma amostragem cultural e que esteja estratificado nos produtos midiáticos. Questiono-me como procederia a Semiótica para desvendar o sentido peculiar a tal imaginário. Qual seria sua faca só lâmina, uma vez que "o sentido é a cabeça de Medusa com quem se encontram todos aqueles que têm algum interesse não só pela linguagem, mas também pelo todo, por qualquer procedimento de significação", no dizer famoso de Emile Benveniste.

Mas, voltemos ao velho e bom mestre Paul Ricouer, desde onde a Semiótica pode ser pensada como uma dialética entre a compreensão e a explicação e, onde o texto, material precioso à nossa análise, é visto como plurivocidade, polissêmico ao nível das palavras; imagens, sons... ambíguo junto às frases; arranjos, telas... complexo, eclético, hermético no seu jogo interpretativo de tecituras, que encerram, em si mesmos, papéis tão distintos como os do autor, o da própria obra, o do leitor. Vê-se, aqui, o problema da combinação dos diferentes elementos geradores do sentido que já aparece em Platão, no *Teeteto* e *O Sofista* e também em Aristóteles, no célebre *Da interpretação*, apontando para o logos e, conseqüentemente, para a lógica discursiva. Buscar o sentido do texto implica não só em interagir com sistemas finitos/ infinitos de signos, sistemas imanentes como o previa Saussure, mas integrá-los a sistemas outros, circunstanciais, contextuais, co-textuais. Meu semioticista preferido, Umberto Eco, quando cria seu conceito de enciclopédia em contraponto ao de dicionário, deixa claro que esta, a enciclopédia (hoje totalmente virtual) é um postulado semiótico que registra o conjunto de todas as interpretações já dadas, passadas, futuras, presentes e possíveis. Ou seja, o sentido, escapa como areia de ampulheta, e resvala por todos os nichos onde pode se readaptar, se reajustar; onde se recria e se renova, se desconstrói.



Igualmente, não só se trata de interpretar o sentido na cadeia ininterrupta da semiose, onde um signo gera outro *ad infinitum* como o previu Peirce. O próprio Peirce já afirmava que a lógica do conhecimento em geral e a lógica da investigação em particular acabam por estabelecer vínculos profundos que desencadeiam uma busca pelo sentido. É sabido que Peirce desenvolve no processo cognitivo um tipo de argumento para além da indução e da dedução, há a abdução. O sujeito observa, registra e confronta dados empíricos, ou seja, pratica a indução. De uma hipótese, de uma generalização, de uma regra geral, deduz uma situação. Mas, acima de tudo, pratica o silogismo, onde todo o raciocínio, onde toda e qualquer conclusão a respeito do sentido de tal texto é apenas provável, verossímil, toda significação pode se concretizar ou não com o desenvolvimento das estratégias de leitura que aplicamos pouco a pouco para desbravarmos o tecido virgem do enunciado grado pela enunciação. Estes três tipos de argumentos já se encontram no *Organon* de Aristóteles, ainda que de forma velada, mas desde Galileu há, creio, um certo acordo de que o método da ciência será hipotético-dedutivo-experimental. Ressalta-se, aqui, pois, que a indução e a dedução são amplamente aceitas e divulgadas, enquanto a abdução é pouco sistematizada. A abdução é a metáfora do sentido, o passo a passo do corte da faca só lâmina que vai abrindo devagar e sempre, desvendando, rasgando as amarras do tecido textual, desmembrando para reconstruir sem ter destruído, refazer sem ter desfeito; aprimorando, acalentando criativamente as nuances isotópicas que se geram no percurso enunciativo.

Confirma-se, assim, o que P. Ricouer, em sua *Teoria da interpretação* (1987), quando aborda o problema das atitudes do leitor confrontado com um dado texto, promove como dialética da explicação e da compreensão, elementos intrínsecos ao processo interpretativo. Tal dialética é altamente mediada e complexa e pode remontar às fases iniciais do comportamento interpretativo que surgem até na conversação. A interpretação passa a ser um processo altamente dinâmico, onde explicação e compreensão são suas duas faces, movimentos de vai e vem, de vem e vai, da compreensão para a explicação e da explicação para a compreensão. "Da primeira vez, a compreensão será *uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo*. (grifo meu) Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiado em procedimentos explicativos. No princípio, a compreensão é uma conjectura. No fim, satisfaz o conceito de apropriação" (1987, p.86) que leva à plena objetivação, à plena sistematização do significado do texto. Ricouer, ao dar primazia à



conjectura, também se apropria da hipótese e, conseqüentemente, do procedimento abduutivo. A abdução, assim entendida, é uma lógica da descoberta, da busca inconstante e, ao mesmo tempo, ferrenha, pela lógica isotópica do texto. Para Eco, a abdução intervém quando quero interpretar figuras, imagens, rituais, arquétipos..., e quando tenho que interpretar vestígios, sintomas, indícios... e preciso saber do valor ou da veracidade de certo enunciado, em contraponto com todo o processo de enunciação em que se insere, isto é, um signo em especial, visto como um dado acontecimento, que assume o papel de texto. A abdução passa, assim, a ser o desenho, a tentativa, em si mesma ousada, da montagem/remontagem de um código extratextual, num novo sistema de significação à luz do qual os signos encadeados na sinfonia textual engendram sentido. Há, portanto, como bem nos diz o autor, necessidade de adivinhar o sentido de um texto: "O texto é mudo." Quem fala por ele é o seu leitor; quem o executa como a uma partitura é o seu receptor. Devemos conjecturar o sentido do texto porque a intenção do autor e a do próprio texto será sempre inferida criativamente por seu leitor. Construir o sentido de um texto é construir o sentido de um mundo e de sua cultura. "O texto enquanto todo e enquanto totalidade singular pode comparar-se a um objeto que é possível ver a partir de vários lados, mas nunca de todos os lados ao mesmo tempo. Por conseguinte, a reconstrução do todo tem um aspecto perspectivístico semelhante ao de um objeto percebido."

Reatualizar o estudo da Semiótica, entendê-la no seu verdadeiro papel de reveladora do sentido das origens, desafiador, múltiplo, facetado, caótico, derradeiro (se é que este sentido existe), é dar-lhe seu real estatuto, o de faca só lâmina. E "nessa ausência tão ávida", como diria o poeta, que esse pesquisador carrega, "e se é faca a metáfora do que leva no músculo, facas dentro de um homem dão-lhe mais impulso" que ela, a ausência louvada por M.Foucault somada à obsessão pela busca sensata do sentido do Ser e dos mundos, possa reabrir o espaço da discussão profícua sobre o fazer interpretativo, sobre a atuação dos estudiosos da área e, sem sombra de dúvida, sobre as contribuições da práxis semiótica à práxis comunicativa.



Referências bibliográficas

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

_____. *Ira menzogna e ironia*. Milano: Bompiani, 1998.

_____. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Kant e o ornitorrinco*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Tratado geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FABBRI, Paolo. *El giro semiótico. Lãs concepciones Del signo a lo largo de su historia*. Barcelona: Gedisa, 1999.

LOTMAN, Iuri M. *La Semiosfera II*. Semiótica de la cultura, Del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

_____. *La Semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

NÖTH, Winfried. *Semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.

PARRET, Herman. *A estética da comunicação*. Além da pragmática. Campinas: Unicamp, 1997.

RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. *O discurso da ação*. Lisboa: Edições 70, 1988.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.